

Carta aberta

Ano III – N.º 23 – Fevereiro 2001

Editor Jairo Dias de Carvalho

Clóvis Monteiro

Dois trabalhos focalizam a contribuição de Clóvis Monteiro à Filologia Portuguesa. O primeiro é uma edição fac-similar, empreendida, em 1974, por Olmar Guterres da Silveira de duas teses de concurso de Clóvis Monteiro: *Morfologia e sintaxe do substantivo na língua portuguesa* (1920) e *A linguagem dos cantadores* (1933), ambas há muito esgotada, verdadeiras raridades bibliográficas. Valoriza esta edição a “Apresentação” de Olmar Guterres da Silveira, concisa e expressiva. A segunda pesquisa é a tese de Jayr Calhau – *Clóvis Monteiro e a filologia portuguesa*, apresentada para o concurso de Livre-Docência da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, também em 1974.

Clóvis do Rego Monteiro (1848 – 1961) é um desses notáveis professores a quem se deve a consolidação da Filologia Portuguesa no Brasil, muito antes que as Faculdades de Letras se construíssem, propiciando condições mais favoráveis à pesquisa filológica e à disciplina lingüística, até então circunscritas à atividade editorial e às cátedras do Colégio Pedro II e do Colégio Militar.

A obra de Clóvis Monteiro assim se pode classificar: 1) Filologia: *Morfologia e sintaxe do substantivo na Língua Portuguesa* (1920). *Português da Europa e Português da América* (1931); *A linguagem dos cantadores* (1933); *Nova antologia brasileira* (1933); *Ortografia da língua portuguesa* (1945); *Fundamentos clássicos do português do Brasil* (1958); *Esboço de história literária* (1961). 2) Literatura: *Poesias*, sonetos de caráter parnasiano-simbolista. 3) Dispersos: artigos, discursos e conferências sobre Filologia, Literatura e Educação.

Na *Miscelânea*, que, em honra de sua memória, editou Leodegário Azevedo, em 1965, há bons subsídios para compreensão de sua vida e labor filológico.

Clóvis Monteiro, como Carolina Michaëlis de Vasconcelos, incluía a Literatura nos domínios da Filologia. Daí porque suas aulas transcendiam o âmbito estrito da Gramática e da Lingüística para projetar-se nas criações mais altas do espírito humano. A necessidade de um trabalho interdisciplinar de Língua e

Literatura, foi, como sabemos, enfatizada, nos últimos anos, por um lingüista do porte de Roman Jakobson, mas Clóvis Monteiro é, entre nós, um precursor dessa orientação doutrinária.

Disse Leite de Vasconcelos que aos filólogos brasileiros competia o estudo da língua portuguesa no Brasil. E esta foi uma das preocupações de Clóvis Monteiro. Em mais de uma oportunidade, estudou a língua falada e a língua escrita, mostrando que ambas as modalidades se nutriram basicamente da linguagem dos colonizadores portugueses. Nos falares brasileiros há sobrevivências de arcaísmos, e a língua literária se moldou ao influxo do classicismo português. Tão forte foi esta presença que o Romantismo e o Modernismo, pretendendo quebrar as amarras e fundir a tradição, na verdade matizaram o estilo, diversificaram a norma, mas não romperam o sistema lingüístico. Não chegamos, felizmente, à *gramatiquinha da fala brasileira*, sugerida por Mário de Andrade. Comprovou-se que para se criar uma nova Literatura não se tem que forçosamente criar uma nova Língua: é suficiente que se recriem ou se remanejem os padrões estéticos do próprio idioma.

Outro aspecto que desejamos ressaltar foi a atuação docente de Clóvis Monteiro no Colégio Pedro II, no Instituto de Educação, na Pontifícia Universidade Católica e no Instituto de Letras da UERJ. O alto senso de responsabilidade e a dedicação com que exerceu o magistério fizeram dele um professor e um educador, na mais completa acepção do termo.

Jairo Dias de Carvalho